

Ao Gerente

Allysson Cabral Mattos

Centro de Controle Operacional (CCO)

Aeroporto Internacional de Guarulhos

Senhor Gerente,

Escrevemos esta carta com respeito, responsabilidade e a esperança de que as palavras aqui registradas cheguem até o senhor com a seriedade que merecem. Não somos vozes isoladas; somos o setor. E o setor está adoecendo.

Não adoecemos por falta de comprometimento. Adoecemos pela presença contínua do descaso, da negligência e de uma gestão que, sistematicamente, tem agido contra seus próprios funcionários.

Somos profissionais que escolhemos estar aqui. Que estudamos, nos especializamos, nos dedicamos e defendemos esta operação porque acreditamos no potencial do Aeroporto de Guarulhos. Queremos que este aeroporto seja referência. Queremos contribuir para isso. Mas como contribuir quando aqueles que deveriam nos liderar nos atacam, nos diminuem e nos ignoram?

Promoções que deveriam reconhecer quem constrói o setor de dentro são entregues a pessoas externas. Quem deveria nos apoiar, age contra nós. E quando reagimos, encontramos paredes; ou pior, demissão.

Os fatos que relatamos a seguir não são percepções. São registros de uma realidade que se repete e se agrava:

O colaborador **Everton Nunes**, um dos técnicos mais qualificados que já passou pelo CCO, com formação internacional, foi sistematicamente diminuído e pressionado até deixar o setor. O mesmo ocorreu com **Wellington Andrade** e **Wesley Duarte**, que chegou a buscar acompanhamento psiquiátrico em decorrência do ambiente de trabalho. O colaborador **Diego Leça**, sem o suporte necessário, precisou se afastar. O colaborador **Ronaldo Silva** encontra-se em tratamento psiquiátrico. O colaborador **Alexandre Idalino**, ao apresentar carta de psiquiatra solicitando uma breve adaptação de horário para preservar sua saúde e continuar contribuindo com a empresa, foi demitido. Em briefing conduzido pela supervisora **Elisângela Jardim**, a seguinte frase foi proferida publicamente: *"Se o funcionário não se alinha à empresa, ou pede demissão, ou a empresa o demite; e foi o que aconteceu com o Alexandre."*

Isso não é gestão. Isso é intimidação.

A supervisora **Rosana Marculino** reiteradamente profere frases que humilham e generalizam negativamente os colaboradores, especialmente os do Turno B, turno do qual ela sequer faz parte. Frases como *"Técnico 2 não faz nada"*, *"O Turno B é um turno de preguiçosos"* e *"Sinto vergonha de receber salário quando trabalho no Turno B"* foram ditas na presença de múltiplos colaboradores. Quando o colaborador **Leonardo** levou essa situação ao então coordenador **Wagner Custódio**, nenhuma providência foi tomada.

A coordenadora **Michele Igreja** lidera esse grupo há tempo suficiente para que os danos sejam extensos e documentados. Integram essa dinâmica os supervisores **Elisângela Jardim**, **Rosana Marculino** e **Marcelo Bililiu**, sendo este último responsável por uma prática particularmente prejudicial: aproxima-se dos colaboradores com postura de colega e confidente, induzindo-os a se abrirem, para em seguida repassar tudo à coordenadora. Uma armadilha relacional que corrói a confiança e isola ainda mais quem já está vulnerável. Há registros de compliance em nome de todos eles e, ainda assim, em vez de investigação, o que se viu foram promoções.

Senhor Gerente, enquanto essa estrutura permanecer intacta, o problema não cessará. Novos funcionários chegarão, serão desgastados pelo mesmo ciclo e partirão; ou adoecerão. O prejuízo é da operação, da empresa e do aeroporto que todos nós queremos ver crescer.

Pedimos, com urgência e respeito, que esta carta seja tratada como o que é: **um pedido formal de investigação e de escuta**. Não viemos destruir; viemos alertar. Ainda acreditamos que é possível mudar. Ainda estamos aqui.

Os colaboradores do CCO